

# Niomar caminha sobre cinzas de sua coleção de arte

Caminhar sobre os destroços de um apartamento destruído pelo fogo traz uma estranha sensação de perda. Maior aflição é saber que as cinzas em que se pisa podem ser de obras de arte de valor inestimável produzidas por Portinari, Manabu Mabe, Chagall, Marc Rothco ou Mondrian. O pior ainda é constatar que as apólices de seguro destas e de tantas outras obras estavam vencidas.

Foi esta a experiência vivida ontem por Niomar Moniz Sodré Bittencourt, fundadora do Museu de Arte Moderna do Rio, ao percorrer, com um pequeno grupo de parentes e amigos, seu apartamento da Avenida Rui Barbosa, 394. Os 800 metros quadrados do apartamento 1001 foram quase totalmente destruídos pelo incêndio iniciado sábado passado num aparelho elétrico antimofo do armário do quarto de vestir.

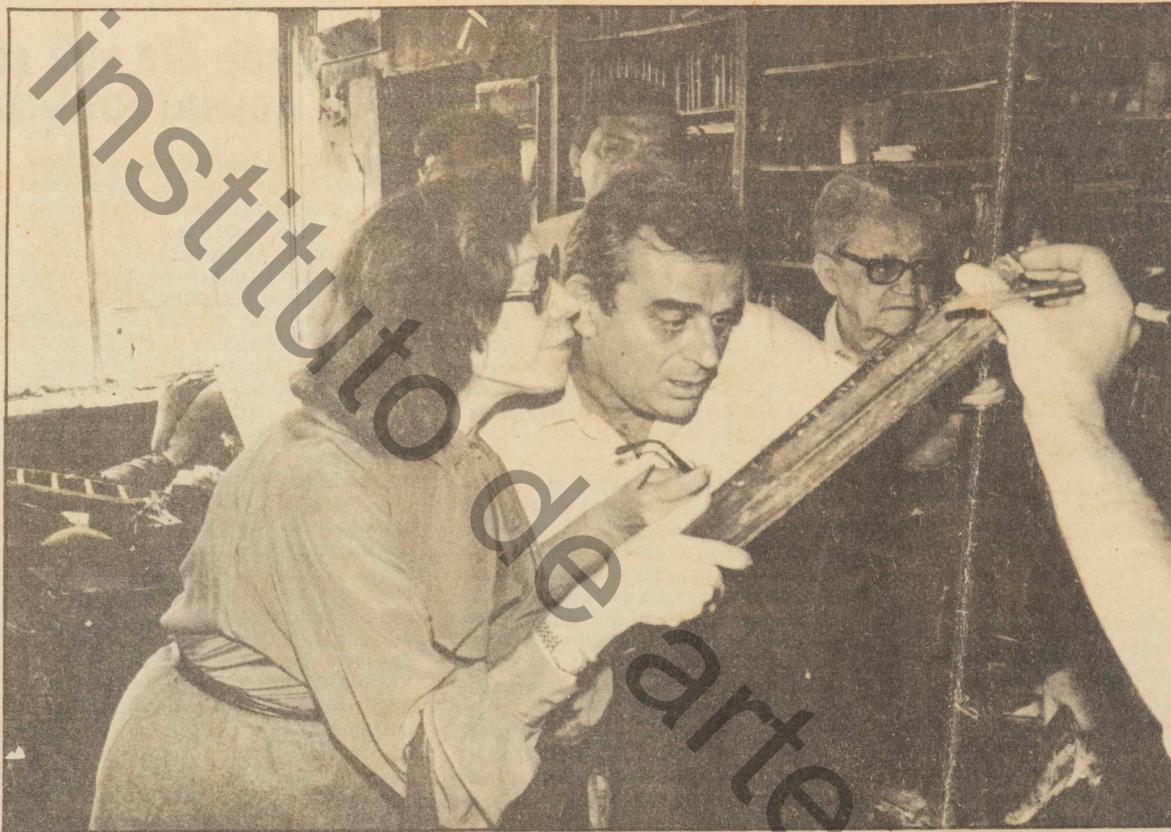
— Não tenho condições de fazer uma avaliação precisa de tudo que se perdeu. Só tentando recuperar o arquivo de quadros é que poderei ter uma idéia do prejuízo, mas aqui não sobrou nada — disse Niomar.

Da última vez que esteve no Rio — há cerca de um ano —, ela passou três meses em visita a amigos e parentes. Agora, voltou pelo mesmo motivo que a fez vir em julho de 1978, quando um incêndio destruiu o MAM. Para ela, a dor da perda do museu foi maior que a de agora, pelo que ele representava em termos de arte para o Brasil.

Niomar Moniz Sodré não demonstrou muita preocupação, mesmo sabendo que as apólices de seguro estavam vencidas. Com firmeza, equilibrando-se sobre pedaços de madeira e ferros retorcidos, caminhou lentamente sobre o monte de entulhos ainda encharcados pela água. Amparada no ombro do filho Antônio Moniz, descreveu o ambiente natural do amplo salão, agora com teto e paredes todas queimadas. Disse que tinha quatro ambientes que eram o escritório do marido — Paulo Bittencourt, já falecido, proprietário do extinto "Correio da Manhã" — a sala, o quarto de vestir e o quarto de dormir.

A biblioteca e os arquivos de documentos estavam no escritório. Os livros antigos e raros de História e de Artes seriam doados à ABI. Niomar explicou que na sala e no corredor ficavam expostas cinco obras de Manabu Mabe, além de quadros de Chagall, Paul Klee, Picasso, Matisse, Seiboulet, Ivan Serpa, Antônio Dias, Ivan Gerschman, Volpi e Carlos Vergara. Na entrada, havia um grande painel de Marc Rothco.

O quadro de Piet Mondrian ficava acima de sua cama e perto de três



A proprietária do apartamento incendiado e seu filho Antônio examinam mais de perto o que restou de um quadro



Ao lado de um amigo, Niomar Bittencourt examina um quadro de Ivã Serpa, da fase erótica

quadros de Portinari. Na varanda, uma mesa de madeira sustentava esculturas de Arp, Mário Cravo, Lassau, Lígia Clark e Maria Martins, todas danificadas pelo fogo. Peças de mármore que compunham a decoração do apartamento, feita por Sérgio Bernardes, foram consumidas pelo fogo. Em cada canto, Niomar parou para recolher papéis e pequenos objetos, na tentativa de identificá-los mais tarde. No corredor que dá para os fundos do apartamento, dezenas de discos estavam espalhados pelo chão, inutilizados. Ela lembrou que os discos, muitos eram de gravações antigas, seriam doados ao estudioso Ricardo Cravo Albim:

— Ele demorou a vir buscá-los, agora não dá mais.

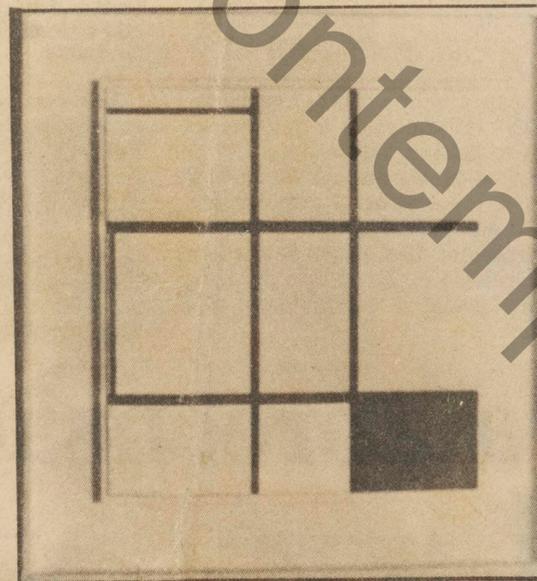
No fundo do quarto, pedaços de arame torcidos foram identificados como as peças de um móvel de Calder, um dos maiores mestres da escultura americana. Na cozinha, pouca coisa sobrou. Num canto, empilhadas sobre uma grade, 36 garrafas de vinho francês Bordeaux, safras de 1943 a 1945, estavam inteiras, mas o calor fez com que se derretessem as rolhas e se perdesse todo o líquido.

Hoje, Niomar Bittencourt volta ao apartamento para afastar o entulho e separar o que for aproveitável.

## Mondrian, a oferta de Cr\$ 6,5 bilhões recusada

O quadro de Mondrian "Composição em Branco e Vermelho", além de ser o mais valioso da coleção de Niomar Moniz Sodré Bittencourt, era também a obra a que ela se apegava mais. Há dois anos, recusou uma oferta do Museu do Japão de US\$ 1,3 milhão (cerca de 6,5 bilhões) e ontem disse que dinheiro nenhum a faria vender o Mondrian.

Hoje, segundo está avaliado pelo marchand Jean Boghici, o quadro valeria mais de US\$ 2 milhões, o que corresponde a uns Cr\$ 10 bilhões. Boghici, que é amigo há anos de Niomar e tem todas suas obras catalogadas, não sabia até ontem da dimensão da perda e lamentou



O Mondrian, a perda mais lamentada

quando soube que o painel de Marc Rothco estava no apartamento incendiado, pois pensava que ela o teria levado para Paris, onde mora. O Rothco está avaliado em US\$ 1 milhão (cerca de Cr\$ 5 bilhões).

Niomar ressaltou que levou

para Paris poucos quadros dos que tinha no Rio desde 1941, quando iniciou sua coleção, comprando quatro quadros em Nova York, dentre os quais um Picasso e um Matisse. Ela não tem idéia do valor de suas obras e disse que em Paris tem também uma grande coleção.

Boghici considera uma excelente coleção de arte moderna a de Niomar, mas disse que não é das maiores do país. Boghici citou ainda outras obras valiosas de Niomar, como dois quadros de Portinari, no valor de US\$ 130 mil (cerca de Cr\$ 650 milhões), algumas obras de Manabu Mabe, no valor de US\$ 100 mil (cerca de Cr\$ 500 milhões) e o móvel de Calder, avaliado em US\$ 50 mil (cerca de Cr\$ 250 milhões). Todas as obras foram destruídas pelo fogo.

Piet Mondrian, que nasceu em Amsterdam em 1872 e morreu em Nova York em 1944, foi considerado um dos quatro ou cinco artistas plásticos fundamentais deste século e, ao lado de Malevitch, uma das matrizes da abstração geométrica.

## Secretária lembra a origem do fogo

Na ausência de Niomar Bittencourt, a secretária Conceição Souto Maior era quem cuidava de seus negócios no Brasil, e a única que estava no apartamento quando começou o incêndio, por volta de 15h no sábado. Conceição disse que, após ligar a chave geral da rede elétrica, operação de rotina quando está na casa, sentiu um forte cheiro de queimado.

Depois de procurar por alguns minutos, descobriu um foco de incêndio dentro do armário e tentou apagá-lo. O que conseguiu foi sofrer queimaduras leves. Nem mesmo a ajuda de vizinhos foi bastante para controlar o incêndio. Os bombeiros chegaram logo, mas seus equipamentos não funcionaram: não havia bomba de sucção, as mangueiras estavam furadas e faltou coordenação por parte dos oficiais que comandavam a operação.

O Conselheiro do Tribunal de Contas José Talarico assistiu a tudo e disse que os bombeiros ficaram parados diante do incêndio durante algum tempo sem saber o que fazer. Um soldado demorou a arrombar a porta dos fundos do apartamento porque não tinha autorização de seu oficial para usar a marreta contra a porta.

O síndico do prédio, Marcos Freire, disse que alguns bombeiros subiram ao terraço do edifício ao lado e tentaram puxar a água da piscina, mas, quando iam começar a operação de sucção, não havia gasolina na bomba.